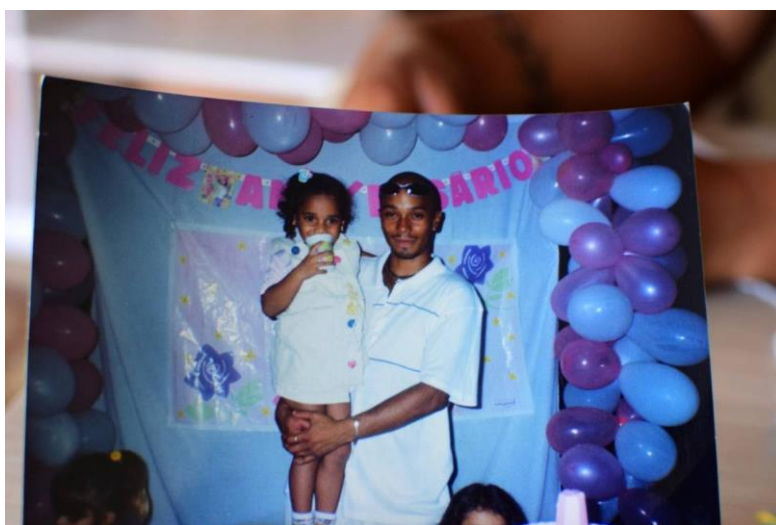


## Editorial

### Medo de morrer de asfixia

As marcas do racismo ficam evidentes quando um negro é impedido de respirar por causa do joelho de um policial branco que comprime seu pescoço e determina o consequente sofrimento dos seus órgãos vitais, mas também pelo contato físico que deprime seus mecanismos de sobrevivência pela força física da contenção, como na luta presa/predador. A falência dos mecanismos de defesa também se associa à redução do oxigênio sanguíneo, hipóxia tecidual e morte cerebral.

No Boletim 65 do INeC, comentando a morte por asfixia de George Floyd nos Estados Unidos provocada pelo joelho de um policial branco que apertava seu pescoço dizíamos “quando não dispusermos de mais nada ainda teremos a linguagem como forma de expressão, nem que seja para avisar que não conseguimos mais respirar”. Poucos meses depois deparamos com a mesma tragédia agora no Brasil: João Alberto Silveira Freitas, 40 anos, foi morto por dois seguranças de um supermercado em Porto Alegre. Homem negro, morreu sob as vistas de testemunhas e teve seu assassinato filmado na véspera do Dia da Consciência Negra. Laudo aponta asfixia como a causa mais provável da morte. Segundo a delegada que apura o crime, os seguranças ficaram em cima de Freitas



enquanto o espancavam, dificultando sua respiração.

Evidências do campo da neurociência apontam para a redução da frequência respiratória e, consequentemente do aporte de oxigênio aos pulmões, ao sangue e ao cérebro durante o pânico que surge quando a sobrevivência do indivíduo está em risco. Nessa condição, o

sistema de defesa cerebral é ativado com a finalidade de prover o aporte fisiológico necessário aos órgãos em estado de sofrimento. No limite da sobrevivência, o estado aversivo gerado por essa situação se soma ao baixo fluxo sanguíneo, à redução dos

níveis do oxigênio, ao aumento do gás carbônico. Os dois processos, o peso sufocante dos policiais sobre o cidadão agora sem defesa associado aos mecanismos de pânico disparados sobretudo no tronco cerebral pela ação animalesca, sem freios, dos policiais determinaram a morte do indivíduo.

São absolutamente inaceitáveis estes comportamentos violentos de uma supremacia autodeclarada de uma raça sobre outra que sufoca os negros, os pobres e os marginalizados pelos afortunados que detêm o dinheiro e o poder. O racismo estrutural que se mantém no Brasil ao longo de sua história determina que a cor de quem tem o poder é branca e de quem subserve ou faz a limpeza é preta. Não há um único gesto de pesar do governo Bolsonaro que, ao contrário, legitima e fomenta esse racismo como no discurso do vice-presidente General Hamilton Mourão ao afirmar que não existe racismo no Brasil. A falta de empatia e o escárnio passam o recado de que o governo ratifica nesse momento que não está nem um pouco preocupado com o racismo estrutural existente no Brasil.

A denúncia do racismo e a luta pela igualdade da população afrodescendente deve ser constante para se contrapor ao discurso de ódio dos dirigentes do governo atual, que estimula a violência e culmina com assassinatos como o do negro João Alberto no dia da consciência negra.